

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então o seguinte, eles entenderam, o pessoal da diretoria falou isso pra mim, que eu era uma pessoa importante pra ficar no movimento sindical, mas eu não tinha o perfil pra ficar lá junto com eles, que eu falava muito em reforma agrária na época. E lá tem muita pequena propriedade, essa coisa, e aí a diretoria me transferiu para o triângulo mineiro, fui trabalhar no Triângulo Mineiro, eu trabalhei lá algum tempo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Bom, antes de começarmos a falar do Triângulo Mineiro, o senhor se lembra de mais detalhes sobre talvez infiltrados no sindicato, essa relação entre polícia e sindicatos de trabalhadores rurais daquela região? Alguma situação específica, pessoas...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, coisas assim que aconteceram no sul de Minas nessa época, aconteceram no sul de Minas, que foi muito importante do ponto de vista que a gente percebia a polícia, e eu percebia muitas e muitas vezes pessoas me seguindo. Isso aí foram inúmeras vezes. Pra se ter uma ideia, uma vez eu peguei um ônibus no sul de Minas, eu tenho dificuldade de guardar nome de pessoa, mas tenho facilidade imensa pra guardar fisionomia. Então assim, eu lembro uma vez, um rapaz entrou no ônibus, peguei um ônibus lá no sul de Minas, desci na rodoviária, deixei a minha bagagem no porta malas, percebi que ele estava me seguindo. Depois eu, estava vindo pra Fetaemg, a pé, de lá passei no centro pra eu olhar algumas coisas lá e tal, e eu percebi ele me seguindo ali. Quando chegou ali no, naquele negócio ali do Jornal Oficial do Estado, eu parei, ele estava vindo, eu parei, eu falei assim: “Vou ter que ter uma conversa com ele”. Eu falei assim: “Você tá indo pra onde?”, ele falou “Tô indo pra lá”, falei: “Então tá. Eu tô vindo pra cá. Agora, tem uma coisa, se eu te ver de novo nós dois vamos acertar. Eu tô te avisando, não tô? Você tá entendendo o que eu tô falando?”, “Mas por que você tá falando isso comigo?”, “Você sabe porquê”. E eu: “Cê sabe muito mais do que eu”. Olha pra você ver. Isso foi em 83, mais ou menos em 90, 91, 92, mais ou menos, ele apareceu lá na casa da minha mãe, ele apareceu, olhei e falei: “Gente, esse é aquele cara.” Pelejei com ele, a minha memória fotográfica, que era ele. Pelejei pra descobrir, mas ele não, mas eu acho que ele foi lá só pra falar pra mim assim: “Aqui ó, eu sei até onde você mora”, mas isso foi em... já uns 8, 7, 8 anos depois. Mas nesse meio tempo aí eu não vi ele mais não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E nessa época você estava trabalhando em algum conflito de terra? Alguma negociação?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, acontece (trecho incompreensível) no sul de Minas. Por exemplo, a greve de Passos, houve uma greve em Passos. Vou te falar uma coisa: foi muito difícil. Foi a greve mais violenta que vi, com uso de polícia, claro, tem um batalhão. Eles, uns dois caminhões de polícia, caminhão que tem um banco no meio, caminhão. Os dois caminhões de polícia distribuído polícia, usando fuzil com baioneta calada, e chegava, assim, apontava as baionetas pra gente e pensava assim: “Agora eu vou morrer!”. Por muitas e muitas vezes, a gente tentando sensibilizar os trabalhadores pra eles não irem trabalhar, eles, chegar, assim, a ameaçar mesmo. Mas me espancar, me bater, nunca fizeram isso não, mas ameaça psicológica foi muita. Pra você ter ideia, teve um dia que eu estava conversando com os trabalhadores na greve, e o sol estava saindo, estava se pondo. E conversando com os trabalhadores, virado pra lá, assim, o sol aqui batendo na minha nuca, virado pra lá, assim, o policial chegou com cassetete grande, assim, eu via a sombra dele, ele sabia que eu estava vendo a sombra dele, e botava o cassetete, assim, no rumo do meu pescoço, assim, puxava lá atrás, assim, (Trecho Incompreensível). Eu estava conversando com os trabalhadores e continuei conversando, porque achava que eu não estava fazendo nada de errado. Mas quando ele movimentava aquele cassetete na sombra, atrás, pra pegar na minha nuca, nossa senhora! Vou te confessar assim que eu senti vertigem de tanto medo que eu senti.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E o senhor continuou a conversar com os trabalhadores que estavam mobilizados.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Continuei. Então aconteceu coisas muito assim. Lá em Passos, pra gente conversar com os trabalhadores, e cercar a gente e tudo com o fuzil com baioneta. Teve uma hora que eu botei a mão assim no meio das baionetas, assim, puxei assim, com muita força, eu acho que eles não me mataram é porque eles não tinham a intenção de matar mesmo. Porque eles estavam pegando um outro trabalhador lá que não estava fazendo nada. Estava sentadinho lá, quietinho lá em Passos. Então em Passos houve muita violência.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Contra trabalhadores.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Lá houve, em Passos. Na cidade de Passos. Agora...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Se o senhor tiver mais detalhes também das situações de Passos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: De Passos?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Em Passos o aspecto mais importante foi o envolvimento da polícia, mesmo. Por exemplo, a gente fazia assembleia, a polícia tá lá na assembleia, à paisana. Teve um rapaz, que eu cheguei pra ele e falei assim: “Escuta, você é da polícia?” ele falou: “Não”, eu falei: “Você sabe que você é, aqui a gente conhece o perfil físico”. Eu disse: “Vamos fazer uma coisa? Eu vou pedir você uma coisa. Vai embora. Porque se você ficar aqui, eu vou ter que contar pros trabalhadores que você é da polícia”. Ele me ameaçou, era até uma assembleia numa escola, que eu não lembro mais o nome. Me ameaçou e falou assim: “Eu sou da polícia mesmo. Se você me encher muito o saco aqui eu vou...”, ia me deter, sabe? “Ah, sei”, aí eu ameacei ele também, falei: “Então você vai ter que deter, porque eu vou ali agora. Você quer ver? Então tá bom. Vou lá contar pros trabalhadores que você é da polícia e vamos ver o quê que você vai fazer”, e saí andando. Quando eu dei uns quatro passos que eu olhei pra trás, ele sumiu. Eu nunca mais vi ele. Ele deve ter saído rapidamente, mudou de lugar, rapidamente, sabe? Eu não vi ele nunca mais.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nem localmente, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Não deve ser da polícia local.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nem nesse lugar lá. Se ele ficou nesse lugar, na assembleia com muita gente, se ele ficou nesse lugar, porque eu procurei ele no meio do povo. Ele se escondeu muito bem escondido, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pode ter sido enviado para Passos, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu não vi ele mais não. Então lá em Passos foi essa questão da polícia...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então houve um forte aparato policial.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas teve um outro caso também de Passos, que eu lembrei aqui agora. Estava esquecendo. Chegou uma denúncia aqui na Fetaemg, que estava tendo trabalho escravo, trabalho muito difícil lá na fazenda Ariadinópolis, em Campo do Meio. E aí o presidente da Fetaemg pediu pra eu ir lá. Eu fui lá. Quem denunciou aqui foi inclusive um delegado de polícia, ele ficou revoltado com o que ele estava vendo acontecer na cidade lá. Um delegado de polícia que ligou pra cá e avisou ao presidente da Fetaemg, o André Montalvão. Olha para você ver que historinha interessante.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso foi em 83.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 83.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ou 84, foi um desses dois anos. Aí eu peguei, ele pediu pra eu ir lá, fui lá, passei no alojamento onde ficavam os trabalhadores, vi como é que era o alojamento, tinha muito trabalhador, eram dois galpões muito grandes, tinham muito trabalhador lá. E eles me denunciaram as coisas que estavam acontecendo no local de trabalho. Eu pensei: “eu vou lá no local de trabalho amanhã”, o quê que eu fiz? Peguei carona num caminhão da usina, fui no local de trabalho e olhei como é que era que os trabalhadores estavam trabalhando cortando cana. Detalhe: a primeira vez que eu vi uma máquina de cortar cana foi lá, fiquei curioso com aquele negócio da máquina de cortar cana, sabe? E na hora do almoço, eu fiquei até a hora do almoço pra eu ver como é que era a alimentação do pessoal. Aí o trabalhador teve que cortar uma casca da cana pra comer, pra fazer tipo uma colher, pra ele comer, porque tinha levado a marmitta mas não tinha o talher pra ele comer, aí ele... alguns comeram com a mão mesmo, aquela mão toda suja de cortar cana, e outros fizeram isso. Aí voltei. Voltei. Quando foi a noite eu fui, fiz uma reunião no alojamento pra poder conversar com eles, e acertamos que a gente ia tirar uma comissão para poder conversar com o dono da usina, parece que chamava Clovis a pessoa que era responsável a usina lá, chamava Clóvis. E fui dormir.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Responsável ou seria um gato?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, era diretor da usina mesmo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Diretor.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Porque eu já tinha ido em Campo do Meio antes, então esse Clóvis, ele passava lá num carro grande da Gurgel, um carro diferente, sabe? Carro alto. Ele passava, eu ficava olhando e perguntei quem era ele e eles falaram que era o dono da usina. Mas isso foi muito antes de acontecer isso aí. Ó pra você ver. Aí quando foi no outro dia cedo, eu tô lá me preparando pra, me preparando pra ver se ia conversar com os trabalhadores pra...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Fazer a comissão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra tirar a comissão pra ir conversar com o dono da usina. Aí bateram na porta do meu quarto. Quando bateram na porta do quarto eu falei: “Uai, que trem esquisito”, fui e abri. Era um sargento da polícia militar. Eu falei assim: “Sim, senhor”, ele falou assim: “Ó, o tenente tá lá embaixo te chamando”. Imediatamente desci. Falou: “Não, ele não tá aqui, não”, embaixo do hotelzinho, que lá é um hotelzinho pequeno, sabe? Aí estava lá uma mesa, eles juntaram as mesas do restaurante, o restaurante embaixo do hotel lá, umas quatro, uma mesa comprida igual a essa, assim, e estavam duas pessoas da polícia, estava esse dono da usina, o Clóvis, estavam umas três ou quatro pessoas que trabalhavam junto com ele, me chamaram e falei assim: “Sim, senhor”, falei com o tenente assim que estava lá, “Sim, senhor”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eles estavam armados?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, isso aí eu nem observei, porque eles estavam sentados. Ele falou: “Senta aí”, ele estava sentado assim, ele falou: “Senta aí”, e o cara que é dono da usina do lado de cá, onde é que eu estou sentado aqui. Eu fui me dirigir para o tenente... ah, esse cara, dono da usina, levantou, e foi me xingando, e foi me xingando, e foi me xingando. Xingou todos os nomes que você pode imaginar, eu fiquei escutando. Depois que ele falou mais ou menos assim, uns trinta minutos, falando que eu tinha ocupado a fazenda dele, é claro que não ocupei a fazenda dele. Que eu tinha invadido a fazenda dele, e pressionando o tenente para me prender, enchendo o saco, sabe? Aí falei assim: “O senhor concluiu o que o senhor tem pra falar?”, ele falou assim: “Não, eu quero ver o quê que cê vai falar”. Eu falei: “Ô tenente, foi pra isso que o senhor me chamou aqui? Foi pra eu escutar esse cara falar esse tanto de baboseira que ele tá falando? Pra isso que o senhor me chamou? Porque se

não foi pra isso, por que o senhor tá aceitando ele fazer isso comigo? Por que o senhor tá aceitando? Não foi o senhor que mandou? Porque o sargento (Trecho Incompreensível), hein, sargento? Você não falou que era o tenente que tinha me chamado aqui pra conversar?”, aí o sargento ficou calado, sabe? Não falou nada. “Fiz uma pergunta pro senhor”, tenente continuou calado. O tenente não disse um A. Aí o cara falou pra mim: “Escuta aqui, cê vai falar alguma coisa ou não vai?”, aí eu falei pra ele assim: “Ó, deixa eu te falar uma coisa. Eu botei você para fora da sua casa? Eu coloquei você para fora da sua usina? Eu fiz isso com você?”, “Claro que não, que não é assim!”, “Então, como é que você tá falando que eu invadi sua usina? Se eu tô aqui dormindo no hotel aqui? Só porque a polícia tá aqui cê vai conversar isso?”. Aí o tenente me perguntou assim: “Cê fez anotação de alguma coisa?”, eu falei: “Fiz!”, “Deixa eu ver”, eu falei: “Ah, tá lá no quarto”. Subi e fui pro quarto. Lá no quarto eu pensei assim: “Quer saber de uma coisa? Eu não vou conversar com esse povo mais não”. Sabe aquela hora que você sente o perigo mesmo? Perigo pra valer? Aí eu fiquei lá, arrumei minhas coisas, tô lá arrumando minhas coisas, arrumando minha mala, que eu ia pegar um táxi e ia embora. Quando passou cinco minutos o sargento voltou lá e bateu na porta: “O tenente mandou perguntar se você não vai descer”, “Você fala com o tenente que eu não vou lá mais não”. Aí o sargento estava com um papelzinho: “Então deixa eu pegar seus dados aqui”, falei: “Escuta, o senhor tá me intimidando? É isso que o senhor tá fazendo?”, “Não, ele falou que eu tenho que pegar os seus dados aqui”. Ele pegou os meus dados e anotou todos os meus dados num papelzinho lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nome, localidade...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tudo! Pegou tudo! Número de documento, tudo! Falar nisso, eu nunca, eu já tinha esquecido disso! Eu nem nunca olhei meus dados lá. Nunca olhei. Aí eu virei pro sargento e falei assim: “Ô sargento, o senhor sabe porque eu tô aqui, não sabe?”, ele falou: “Sei”, “E o senhor sabe quem foi que fez a denúncia, não sabe?”, ele falou: “Sei”. Ou seja, o sargento sabia. “O quê que o senhor me sugere?”, ele falou: “Vai embora”, “Por que o senhor acha que eu devo ir embora?”, ele falou assim: “Chega aí na janela e dá uma olhada lá fora. Olha o quê que cê vê”. Sabe essas janelas que você puxa e faz assim?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tipo isso aí. Eu peguei e puxei assim, ela abriu, olhei e tinha um homem, assim, um homem esquisito, assim, do outro lado da rua. Tinha uma praça perto, assim de cá da janela eu vi lá na praça, assim, tinham outros dois lá conversando. Ele falou assim, aí eu olhei pro sargento assim e falou assim: “Você tá entendendo o perigo que cê tá correndo?”, eu fiquei calado, pensando na vida, né. Ele virou pra mim e falou assim: “Se você quiser ir embora, eu vou te proteger para você ir embora. Eu vou te falar o quê que vai acontecer: se você ficar aqui, eu vou ter que botar dois guardas lá embaixo, porque o senhor tá correndo risco de vida, quero te avisar isso. Tá correndo sério risco aqui. Você tá correndo muito risco mesmo. É melhor o senhor ir embora. Eu ponho dois guarda lá embaixo, só que tem uma coisa, só tem seis soldados aqui em Campo do Meio, quem comanda eles sou eu. Se eles fizer uma briga, arrumar uma briguinha daqui uns três quarteirão daqui e falar assim: ‘Ah, tá ocorrendo uma violência aqui’, eu vou ter que levar os seis soldados pra lá, você fica aqui sozinho, eles vem cá e te mata. O quê que você prefere?”. Eu falei: “Eu prefiro ir embora”. Ele falou assim: “Como é que cê vai embora?”, eu falei assim: “Eu pego um táxi ali e vou até a cidade de Campo do Meio de táxi”, porque não tinha ônibus pra eu ir embora. Olha pra você ver, eu viajava de ônibus. Fetaemg nessa época não tinha carro, não tinha nada. Aí peguei o táxi. Lá ele arrumou, o próprio sargento arruou táxi pra mim, ele falou assim: “Eu vou te ajudar”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E você ainda conversou com o tenente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O sargento falou assim: “Eu vou pedir o táxi pra parar aqui na porta”. Eu falei assim: “Você pede desculpa o tenente lá pra mim, que eu vou embora”. “Eu não vou lá conversar com o tenente não”. Aí na hora que o táxi parou, que eu fui pegar o táxi, o cara ficou (Trecho Incompreensível), eu acho que eles, né, eu saí no táxi e a patrulha atrás. Eu tive que sair da cidade escoltado. O presidente da Fetaemg morava numa casa aqui na frente, quando você sair, que você vê uma casa amarela do lado de lá, ele morava ali. Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte eram duas horas da manhã. Fui acordar ele, duas horas da manhã.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Montalvão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Falei: “Ô André, cê desculpa aí, aconteceu isso, isso, isso e isso e tal. Por causa disso que eu tô te chamando duas horas da manhã”, um negócio

complicado, rapaz. Aí o Montalvão queria pegar o carro e nós voltar pra lá na mesma hora. Falei: “Não vou não!”. Falei: “Você vai pra lá que você vai levar quantos policiais armados? Quantos você vai levar? Parece que você não entendeu!”, “Não, mas cê tem que ir comigo”, falei: “Não vou, não senhor! Se você quiser voltar pra lá, você volta sozinho, porque eu tô falando uma coisa grave pra você, você tá achando que eu tô brincando”. Falei: “Não, senhor. Não é assim, não”. Sabe o que aconteceu? Os trabalhadores, sozinhos, entraram em greve e mataram gente lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mataram...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Passaram, viraram carro, incendiaram carro, incendiaram canavial pra tudo quanto é lado, eles queriam botar fogo na usina!

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso logo depois do seu retorno?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Aconteceu isso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Uns 4, 5 dias depois.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Por que eles formaram uma comissão, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Isso aí, essa greve deles aí, aí eu já não estava lá não. E eu não fui lá na greve também não. Mas gente de lá me contou que eles fizeram, ih!

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas algum trabalhador morreu? No caso trabalhador rural.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Não. Quem eu sei, assim, que eles mataram, foi um chefe que tinha na usina, um chefe que tinha na usina lá, que vivia maltratando muito eles, aí eles meteram o facão nele. Mataram. Fiquei sabendo disso. Não sei, só o que eu fiquei sabendo. Não sei se é verdade também não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E a Fetaemg produziu algum documento sobre a greve...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Desse assunto?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...alguma ação...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Foi toda uma mobilização por parte deles, né. Localmente, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Deles, é. Por parte deles. E eles resolveram isso lá sozinhos. Aí eu, sabe, em termos de trajetória teve várias greves também lá no Triângulo Mineiro que eu participei delas, mas assim, o maior envolvimento de polícia dentro delas, lá no Triângulo Mineiro, não teve não. Assim, não teve essa coisa que aconteceu em Passos, com policiais, não aconteceu não. Só...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor se lembra, só pra fechar, do nome desses policiais? O nome de alguém?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Só lembro do nome do Clóvis.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Do Clóvis.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Do nome do Clóvis. Eu lembro que parece que um dos chefes da usina chamava Pimenta, chamavam ele de Pimenta. Mas também eu não sei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E eram condições análogas à escravidão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, a situação dos trabalhadores na usina, no alojamento, era muito complicado, sabe? Tinha muita sujeira, tinha muita bagunça, muita gente amontoada. Muito parecido com o que a gente vê nos presídios, aquela promiscuidade, sabe, aquela situação muito difícil. Inclusive quando eu fiquei sabendo que os Sem Terra ocuparam a (Trecho Incompreensível), eu chorei. Chorei. Se eu tivesse ficado sabendo que eles iam ocupar lá, eu tinha ido pra ocupação também, sabe? Porque eu chorei, porque o aperto que eu passei lá, de morrer, não foi pequeno não. Muito grande.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Bom, em relação ao sul de Minas, o senhor não tem mais nenhum detalhe sobre algum sindicato? Seja pela resistência ou seja pela infiltrados. Não, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Certo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Agora, eu fui pro Triângulo Mineiro e lá aconteceram algumas greves. Não teve, assim, como eu estava falando, não teve nenhuma questão vinculada à polícia, e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você ficou exatamente onde no Triângulo Mineiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu fiquei morando em Uberaba, porque eu casei lá em Uberaba, o sogro morava lá e tal. Então assim, eu fiquei lá, mas eu fiquei pouco tempo, porque a Cida era presidente do sindicato de Unaí, foi a primeira mulher presidente de sindicato no estado de Minas Gerais. E eu via os relatos que chegavam aqui falando dela, eu ouvia isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que relatos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Relato assim, que ela era uma mulher muito disposta pra luta, sabe? Era uma pessoa que tentava organizar os trabalhadores na luta pela reforma agrária.